

Jorge de Oliveira

A PESCA E A CAÇA NAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO E BEIRÃ

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António
das Areias e Beirã

IBN MARUÁN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 487-498

ابن مروان
IBN MARUÁN
Revista Cultural do Concelho de Marvão



100

95

75

25

5

0

Título
**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

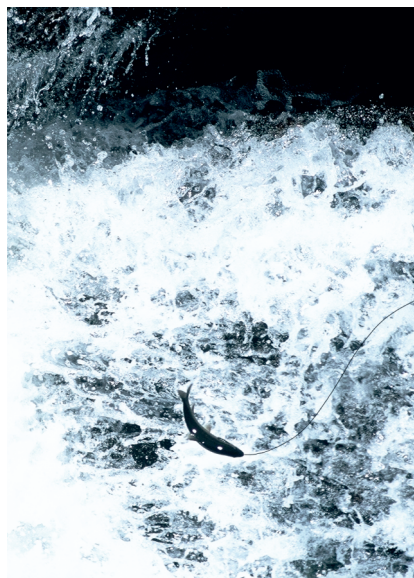
75

25

5

0

Jorge de Oliveira
(CHAIA / Univ. de Évora)



A PESCA E A CAÇA NAS FREGUESIAS DE SANTO ANTÓNIO E BEIRÃ

A pesca no Sever

Até à chegada do comboio à Beirã o consumo de peixe de mar nesta zona do Alentejo limitava-se ao peixe seco e mais raramente ao salgado. O peixe seco resumia-se ao bacalhau e o salgado, que chegava em barricas, era exclusivamente constituído por sardinhas.

A única fonte de peixe que por estas paragens existia era o que provinha do Rio Sever e algum do Tejo. Era, então, o Rio Sever a principal fonte deste tipo de alimento. Nestas freguesias, Santo António e Beirã, existiam duas a três pessoas que regularmente pescavam no rio e vendiam, na rua, de uma forma, mais ou menos clandestina, o resultado da sua pesca. Pescava-se a tresmalho (rede tripla) por arraste que recolhia todo o tipo e tamanho de animal e mais raramente à tarrafa, esta assumidamente proibida. A pesca à linha era invulgar por estas paragens. Mas, o mais comum era uma pesca mista entre dois tresmalhos e a pesca à mão com recurso a embude. O embude, nada mais era que a raiz da cicuta, altamente tóxica, que depois de esmagada era amassada e modelada em bolas que cabiam nas mãos dos pescadores. Essas bolas, altamente tóxicas, eram introduzidas nos tocos das árvores circundantes do rio onde o peixe se acoitava dos intrusos que acabavam de entrar no seu ambiente. Face à toxicidade da cicuta o peixe ficava incapaz de fugir e deixava-se apanhar à mão, ou saía dos seus refúgios, sendo posteriormente capturados pelas duas redes, geralmente de tresmalho, que varriam o rio. Esta técnica, que se dizia proibida, mas que todos praticavam era geralmente desenvolvida nas denominadas pescarias de Domingo. Um grupo de homens, muito raramente as mulheres eram convidadas, dirigiam-se para as margens do rio, onde anteriormente alguns dos pescadores tinham ido avaliar o potencial piscatório



Pesca com tarrafa no Rio Sever

dos pegos e aí acampavam. Vinho com fartura, uma panela grande, tomate, pão, ervas aromáticas, uns quilos de batatas, uma frigideira, azeite, uma saca com as redes, algum chouriço, ou presunto, não fosse faltar o peixe, compunham o avio do acampamento. Enquanto uns procuravam lenha para o lume de chão, outros reco-



Preparação para a pesca no Rio Sever

lhiam o embude com uma sachola, e outros iam preparando o posicionamento das redes. Cabia aos mais novos, os gaiatos, apanhar a lenha e preparar o embude. A tarefa mais perigosa e responsável, a preparação do embude, era quase um ritual de passagem. Sob a supervisão de um dos mais velhos, os gaiatos lá iam arrancar pelas raízes o embude que existe em abundância nas margens do rio. Cuidadosamente cortava-se a raiz, para que nenhuma porção ficasse disponível à superfície e pudesse vir a envenenar ovelhas ou vacas, já que os porcos lhe são imunes e iniciava-se o esmagar da raiz com recurso a duas pedras, uma servia de dormente e a outra de movente. Devidamente esmagado, o tubérculo era guardado dentro de uma saca húmida para não perder as qualidades tóxicas. Os restos eram cuidadosamente enterrados para evitar que algum animal fosse envenenado. Com os pescadores, em calções, já dentro de água, geralmente cinco ou seis, começavam a bater as raízes das árvores e a colocar o embude. Bogas, barbos, cobras de água, cágados e alguma enguia, todos se afastavam dos esconderijos que as raízes das árvores lhes propiciavam e eram facilmente capturados, ou à mão, ou enredados nos tresmalhos. Feita a primeira pescaria, o peixe capturado começava de imediato a ser preparado, aberto e limpo. As cobras de água, porque não perigosas, geralmente eram enfiadas, por brincadeira, no interior dos calções dos mais distraídos, os cágados eram deixados em paz. O peixe mais pequeno, depois de levemente salgado, ia parar à sertã onde o azeite, já quente, o esperava. À medida que ia ficando frito, acompanhado por uns copos de tinto e pão cozido na noite anterior na padaria do Ti Manuel Filipe, era o petisco da manhã. Entretanto, o peixe maior, depois de escamado, estripado e lavado ia para a panela onde



Saul Andrade no Rio Sever

a batata, o tomate e as ervas aromáticas já ferviam. Preparava-se, assim, a caldeirada que levava o seu tempo até estar pronta, no lume de chão, algumas vezes assente numa trempe, que por norma era esquecida pelos pescadores. À medida que o peixe pequeno já frito se ia consumindo, o vinho escorria pelas gargantas secas. Uma gaita de beijos, melhor ou pior, entoava uma qualquer moda e entretinha a rapaziada até que a sopa de peixe estivesse pronta. À espera que a sopa ficasse pronta jogava-se às cartas, à bisca e à sueca e o tempo ia passando à sombra de algum freixo, ou amieiro, para não falar das nogueiras da Ti Maria Jacinta. Lá pelas duas da tarde o cozinheiro de serviço informava que se podia começar a cortar o pão duro para as sopas, porque a caldeirada estava pronta. Com mais uma rodada de vinho, o pão demolido no suco das ervas aromáticas e pedaços de barbo ou boga faziam a delícia do grupo. Barriga cheia, alguns mais de vinho do que da caldeirada, uma sesta sob uma bela sombra, calhava mesmo bem.



Pescaria no Batão 1961

Depois do repouso digestivo havia que pensar no que trazer para casa, para os que não foram à pescaria e, sobretudo, para mostrar que este grupo pescava bem. Assim, lá pelas cinco ou seis da tarde voltava-se a nova pescaria para trazer para casa. Geralmente a segunda pescaria já era mais fraca, a maioria dos peixes desse



Pescaria no Rio Sever (Manuel Gavancha, João Sequeira e João Mota)

pego já tinham sido capturados logo pela manhã, mas alguns sempre se apanhavam. Uma canastra transportaria até à aldeia o fruto da segunda leva. O peixe mais pequeno ia no fundo da cesta e por cima, para impressionar, os barbos mais gordos. Chegados à aldeia quando o sol já se escondia no horizonte, reunia-se o pessoal numa das tabernas para dividir a pescaria, beber mais um copo e combinar quando se voltaria ao rio e para que pego se deveria de ir. Desta vez, foi no das Castelhanas, junto à casa da Ti Maria Jacinta, este está por agora pescado, na próxima vez, provavelmente, o pego do Batão, ou o da Mãe Velha, ou o da Retorta, ou o das Amoreiras? Bem pensado, seria o do Batão, combinava-se com o Ti João da Meia-Noite e com a Ti Lucrécia que

preparassem logo um petisco para a chegada e depois ia-se então à pesca. Mas tinha que haver cuidado com os carabineiros, a tasca do João do Batão, ou João da Meia-Noite, como também era conhecido, é do lado de lá e se os "caraveneros" espanhóis estão por aquelas bandas pode haver problemas. Passar a fronteira "a salto" era proibido, mas como se dizia que o pego do Batão este ano tinha muito peixe, valia a pena arriscar. Está combinado, no próximo Domingo às sete da manhã, todos no largo da Igreja porque a camioneta do Ti Manuel Filipe apanha aí o pessoal. Será mais um dia de pescaria.



Pescaria com rede de arraste no Rio Sever

E assim, as gentes destas terras longe do mar tinham acesso a algum peixe que gradualmente foi substituído, ou completado pelo que o comboio havia de trazer até à Beirã e onde o Ti Carlos e a Ti Perpétua se encarregariam de distribuir pelas aldeias, carregado em caixas de madeira, às costas do velho burrito. "Há rico carapau, sardinha e peixe, quase dado!" Assim apregoava a Ti Perpétua. A sardinha, o carapau e o dito peixe, que por norma era cação, chegava em caixas cheias de sal, no comboio vindo da zona de Lisboa. Mas os tempos estavam a mudar. Em Valência de Alcântara tinha aberto uma loja de peixe congelado e cortado à serra, coisa nunca vista por estas paragens. A pescada, que só se comia quando se ia à capital, vendia-se agora em Valência e até nem era cara.

Havia era um problema, a fronteira. A Guarda Fiscal não gostava mesmo nada que se fosse comprar peixe congelado ao lado de lá. Para disfarçar, enrolava-se a pescada em jornais e escondia-se debaixo do banco ao lado do condutor, onde, por norma ia a esposa do motorista, que por gentileza, geralmente não era convidada a sair do carro. Mas o peixe, ainda que congelado, sempre deixava o seu perfume e quando o guarda se aproximava mais da viatura, estava tudo perdido. Lá se tinha que deixar a pescada com a Guarda Fiscal, para evitar pagar uma multa. No dia seguinte a família dos guardas tinha pescada para o almoço e o portuguesito paisano que se contentasse com as sardinhas, carapaus e peixe quase dado da Ti Perpétua e do Ti Carlos, que também tinham que ganhar a vida.



Pescaria no Pego da Retorta em 1966 (Manuel Gavancha)

A caça

Nos inícios do século XX, no interior alentejano, praticamente todos os homens, indiferentes à sua condição social, praticavam a caça. Costuma dizer-se que quem não tem cão, caça com gato. Nessa altura, tal como hoje, embora cada vez em menor número, diferentes variantes de caça se praticava, muito de acordo com as condições económicas do caçador. O conceito de reservas de caça, dias específicos e número de espécies que se podiam abater não existiam. Caçava-se todos os dias, se para isso houvesse tempo e condições. Por meados do século XX, face à necessidade de protecção das espécies, algumas já à beira da extinção, limita-se a época de caça ao período pós procriação, havendo duas fases distintas, uma para aves e outra para mamíferos.



Resultado de uma batida aos lobos – Largo de Santo António das Areias (anos 40' sec. XX)

Mas numa sociedade economicamente deficitária como era esta zona do concelho de Marvão, onde a alimentação da generalidade da comunidade não estava garantida, o recurso à caça furtiva como garante da obtenção de proteína animal era muito comum. Havia caçadores "profissionais" que raramente se assumiam como tal, que durante todo o ano caçavam. Eram conhecidos de toda a comunidade, mas para efeitos legais ninguém tinha conhecimento de nada. Logo com o despertar da aurora já estavam no campo. Com um cajado, eventualmente ajudado por qualquer "piloto", nome mais popular para nomear o cão da família, e mais raramente com um furão, porque se fosse apanhado com ele as coisas complicavam-se muito mais, lá ia o pobre "caçador de pau" aos locais já conhecidos. Procurava as moutas de balças, ou de louras ainda não batidas, e ajudado pelos seus apoios, cão ou furão, ou tão só ao ruído da sua aproximação e à primeira oportunidade, desgraçado do coelhito desprevenido que ficasse ao alcance do pau. Se o dia corresse bem, cedo se regressava a casa, mas a venda dos animais abatidos só se fazia ao anoitecer. Havia já compradores habituais ou, na tasca menos iluminada dizia-se, entre dentes, se alguém queria um coelhito não sangrado. O coelho não sangrado, isto é, morto à paulada, era mais procurado do que aquele abatido a tiro. Coelho ou lebre chumbados para além de terem perdido praticamente todo o sangue, vinham cravejados de chumbos e, na maioria dos casos, quando abatidos relativamente próximos do caçador, a carne sob a pele estava toda amassada e a estrutura óssea múltiplamente fracturada, o que retirava

valor à peça de caça. Na caça furtiva raramente se utilizava uma arma. O som do tiro chamava demasiado a atenção da guarda. Se não fosse apanhado desta vez, seria da próxima, multado e a arma apreendida e entregue, estranhamente, na Câmara Municipal. Só em zonas de mais difícil acesso, lá para as bandas do rio, os que por aí moravam, conhecedores dos dias e horas das rondas da guarda, se atreviam a usar a velha caçadeira de cães para enriquecer a ementa dessa semana. Por norma o caçador furtivo utilizava o pau, o furão, ou laço. Constava que alguns pastores treinavam tão bem os cães que sozinhos caçavam e traziam a peça ao dono. Eventualmente, uma perdiz acoitada ou algum coelho distraído fosse dessa maneira apanhado pelo cão, mas era, seguramente mais a fama do que o proveito.

A caça legal, não necessária e unicamente com caçadeira, porque também se licenciava a utilização do pau na caça, era de facto a mais praticada pela gente com menos posses, incapazes de adquirir uma arma e respectivas munições. O resultado da caça com pau legalizado resultava na sua exportação, na maioria das vezes, pelas suas qualidades atrás descritas, por via comboio, para a Lisboa. Ferroviários e Guarda Fiscal encarregavam-se desse transporte e alguma coisa ganhavam com o negócio.



Veados

A caça com arma de fogo, as vulgares caçadeiras de dois canos, ainda de cães, ou as mais modernizadas, denominadas de "mochas", porque os percutores se encontram no interior e os ditos cães não existem, era praticada pela generalidade dos homens que conseguia juntar uns contos de réis e, se queria uma arma nova, ia a Espanha comprá-la, porque era muito mais barata e até, nessa altura, muito fácil de importar e legalizar. Mas o mais comum era verem-se armas a passar de geração em geração com a manutenção possível. Não raras vezes, face ao desgaste dos canos, ou às folgas no fecho, lá corria a notícia que alguém queimou a mão ou a

cara porque o cartucho rebentou no cano. Felizmente porque as cargas de pólvora, quase sempre espanhola, eram reduzidas porque cara, quando provocavam o rebentamento do cano não provocava danos de maior no corpo do caçador. A utilização de armas de caça que passavam de geração em geração era de tal forma comum que ainda me lembro bem de ver caçadores com os velhos "trabucos" de família, com fecho exterior adaptado, de um só cano feito de arame enrolado, de "atacar pela boca" e de escorva lateral. Não raras vezes os utilizadores destas armas de museu caçavam mais do que os lisboetas que para aqui vinham com as suas armas luzidias de canos sobrepostos, ou de cinco tiros. A caça nesta zona do Alentejo, até à década de oitenta do século XX, era vivenciada em grupos mais ou menos organizados de amigos, maioritariamente aos domingos, porque nos outros dias trabalhava-se. Saíam de madrugada para o campo, com a mochila aviada de comes e bebes. Um velho cantil com água, a maioria trazidos da tropa, pendia da cartucheira que apertava a cintura. Vinte a vinte e cinco cartuchos, porque a cartucheira não levava mais, com chumbo 7 e às vezes, porque poderia ser necessário caso se avistasse algum javali, dentro da mochila dois ou três cartuchos atacados com zagalotes. O largo de Santo António era geralmente o ponto de encontro. O Café Mendes já estava aberto e o Sr. Jaime ou o Sr. Joaquim lá serviam um "mata-bicho" antes da partida. Enquanto a aguardente ia escorrendo pelas gargantas, cá fora era o latido constante dos cães que cada um levava e que nem sempre simpatizavam uns com os outros, obrigando os caçadores a despachar mais rapidamente o "mata-bicho" e vir por ordem na matilha improvisada. Os caçadores ocupam os lugares no interior dos carros e os cães, amedrontados e a ganir são encerrados no porta-bagagens da velha viatura. O que vale é que as viagens eram curtas porque se não o fossem a rarefacção do ar e o cheiro a combustível intoxicaria os cães ali fechados, sobretudo em dias de maior calor. Só mais tarde e por influência dos caçadores lisboetas é que começaram a transportar os cães em pequenos atrelados. No porta-bagagens para além dos cães também se acomodavam as mochilas e as armas e não raras vezes lá se viam caçadores muito irritados porque os "filhos da mãe dos cães" lhes tinham vomitado as armas ou as mochilas. Mas, como o entusiasmo e a excitação era grande, uma pouca de água para cima e com um pano velho limpavam o que o pobre do um cão, menos habituado a estas andanças, tinha conspurcado no interior da mala do carro. Estacionada a viatura lá para os lados do Tapadão de Mato, quatro a cinco caçadores, mais ou menos em linha, por via de algum descuido, afastados entre si umas dezenas de metros, iam avançando atrás da marcha frenética dos cães. Lá se levanta uma perdiz e o estampido das armas



Momento de repouso num dia de caça

fazem-se soar, mas o voo da perdiz é muito irregular e ela escapa-se aos tiros. As perdizes têm que se deixar poisar, atirar em voo é chumbo perdido. Alguns tiros mais soam e o tempo vai passando e a hora da bucha, depois de calcorreados os campos até aos Vidais, já justificam que se prepare qualquer coisa para comer. No chão um qualquer pano serve de toalha, todos trazem um copo, um prato e obviamente a navalha. O que cada um traz nas respectivas mochilas é posto sobre a toalha improvisada. Provem lá este tinto que é do meu sogro, mas o queijo do vizinho acompanha bem. O presunto cortado em bons bocados trazidos pelo dos Barretos, justifica abrir uma garrafinha de tinto do Dr. Machado. O pão comprado no dia anterior no Ti Manuel Filipe corre de mão em mão e a navalha separa o que cada um consegue comer. E vá lá mais golo, agora do tinto daquele amigo que acompanha mesmo bem com o "bucho" da loja do Ti Gavancha, as anedotas acompanham o ritmo do petisco, as histórias sobre grandes caçadas, em que ninguém acredita, mas que também ninguém contradiz, sucedem-se. Os pobres dos cães cansados e famintos lá têm direito a um caneco com água e a uns pedaços de pão, umas peles do chouriço, umas cascas de queijo, dos caçadores mais esquisitos, porque do queijo come-se tudo. Saciada a fome dos animais, deitam-se cansados da jornada e dormitam um pouco à volta dos donos que continuam mais algum tempo a tagarelar e a despejar a última garrafa. Uma laranja para desenjoar cai bem no fim do repasto. Agora é hora de algum repouso, até porque com o calor da meia tarde os animais não saem das tocas. Contam-se os coelhos e perdizes que se apanharam e projectam-se novas caçadas. Um baralho de cartas espanholas entretém os menos sonolentos porque misturas de branco e tinto tiram algumas forças. Algum tempo depois arruma-se o que restou do almoço. O resto da tortilha, do chouriço e do queijo volta para casa, o pão que sobrou redistribui-se pelos cães e preparam-se as armas para mais uma caçada que se há-de prolongar até ao pôr-do-sol. Dos Vidais batem os campos abertos da Herdade dos Pombais, é terra de lebres, essas são mais astutas, mas um tiro certo e o animal enrola-se, em queda, e é abocanhado por um cão que todo satisfeito a vem trazer ao dono. Duas festas no animal é recompensa suficiente. Mais duas ou três são apanhadas entre outras tantas que escapam. Desta vez não há gaita para ninguém. Apanhar uma gaita era sinónimo de ir à caça e vir com as mãos vazias. Está na altura de regressar aos carros que ficaram lá tão acima. Bem, mas é isto mesmo a caça, a passo lento, porque o dia já vai longo, procurando as melhores veredas o grupo lá se encaminha para o Tapadão do Mato onde os carros os esperam. Cuidado em não tocar com o cano as armas no sangue das lebres é preocupação que todos têm e conhecem o resultado. Acomodadas as espingardas e verificadas que todas estão descarregadas, não vá haver um acidente, ou a guarda mandar parar, é altura de recolher a matilha que entretanto se dispersou. Uns mais cansados ficaram para trás, outros excitados com a caça não respondem aos assobios dos donos. Os que aparecem entram para as malas dos carros, os outros, depois de se esperar mais algum tempo e de vários assobios e que não aparecem, ficam para trás, porque já se está a fazer de noite. Eles encontram o caminho e amanhã aprecem na casa dos

respectivos donos cansados e famintos. Regressa-se ao ponto de partida, o largo de Santo António. Bem podiam chamar dois cães desaparecidos, eles já tinham regressado antes à aldeia. São cães novos que nunca tinham ouvido um tiro e fugiram da caçada regressando a casa. Da próxima vez já estarão mais habituados e aguentarão o som dos disparos. As peças de caça são distribuídas generosamente pelos caçadores tendo em atenção o seu agregado familiar, vai-se ao Café Mendes beber uma cervejita fresquinha para limpar a garganta e combinar a próxima caçada. Despedem-se os companheiros e regressa-se a casa. Mas o dia de caça ainda não está concluído. Há que limpar a arma e oleá-la e ver se não tem pinga de sangue de lebre, esfolar e destripar os coelhos e só então o caçador se lava e vai descansar. A mulher que ficou em casa prepara o coelhito, tempera-o e no dia seguinte há "cachafrito" para o almoço e jantar. Com outra parte faz-se arroz que absorve o sangue que o animal ainda trazia e que acompanha bem com as restantes partes da peça.

Mas a caça nesta zona, no século XX, não se reduzia apenas à denominada "caça miúda", havia as batidas aos javalis e às raposas e, espante-se, também aos lobos, das quais ainda tenho memória.

As batidas fossem elas a que tipo de animal fossem e muitas vezes tudo o que mexia era abatido, eram pormenorizadamente organizadas. Eram, por norma, batidas que se iniciavam antes do levantar da aurora. Cada caçador tinha um ou mais mochileiros ou batedores que colocados a alguma distância, com tachos velhos e apitos iam espantando e encaminhando tudo o que mexia na direcção onde os caçadores, mais ou menos camuflados, esperavam que os animais aparecessem. A estas batidas nem todos os caçadores estavam em condições de participar. Arranjar um ou mais batedores tinha o seu custo, as armas para estes animais de maior porte não podiam ser as mesmas que de geração em geração foram passando de mãos. Os velhos "trabucos" não aguentariam cartuchos com maiores cargas de pólvora e carregados com zagalotes, os canos rebentariam. Caçadores mais refinados utilizavam cartuchos de bala, outros, porque era sinal de riqueza, apresentavam-se com as suas caras e reluzentes carabinas. E a batida ia decorrendo, alguns sustos os caçadores mais desprevenidos apanhavam quando só se apercebiam da presença dum gordo javali mesmo à entrada da sua "porta". Todo o ramo de esteva que abanasse levava uma cartuchada e a bicharada indiscriminadamente ia sendo abatida, javalis, raposas, coelhos e lebres para não falar em saca-rabos e gatos-bravos. Por vezes era



Resultado de uma batida aos lobos – Largo de Santo António das Areias (anos 40' sec. XX)

uma autêntica chacina. Por um lado a falta de luz, por ser ainda de noite e por outro, muitos dos que participavam nestas batidas eram lisboetas finórios convidados dos locais que, nalguns casos era a primeira vez que vinham ao campo para exibirem as suas preciosas armas. À medida que o barulho dos batedores se



Javali

aproximava imediatamente as armas eram descarregadas e a batida terminava. Procedia-se, depois, ao reconhecimento dos efeitos das armas. Em frente "porta" de cada caçador ia-se ver que por ali estava. Normalmente esta contagem dava discussão. Um javali foi chumbado por um caçador mas veio a morrer mais à frente, no ângulo de tiro do parceiro do lado. Ambos reclamavam a peça. Ninguém se dava como "gaiteiro", afinal todos tinham espalhado chumbo pelo campo. Recolhi-

am-se as peças de caça com interesse, entenda-se, javalis, raposas e algum coelho ou lebre que não tivesse ficado muito despedaçado com o impacto do chumbo grosso. Entretanto, à medida que a batida decorria, outra equipa, contratada, tinha ficado nalgum monte mais ou menos abandonado onde preparava uma reforçada refeição para quando os vitoriosos caçadores e seus batedores regressassem se recomporem do cansaço. O vinho não faltava. As aventuras de caça contavam-se à mesa e as disputas pelo javali que anteriormente tinha oposto os caçadores já não interessavam. Era altura de confraternizar. No fim havia a divisão dos denominados troféus, para aqueles que gostavam de os exibir nas suas salas de caça. Degolavam-se alguns javalis para os que de fora vieram poderem mandar embalsamar e expor em casa. Outros só queriam as prezas maiores, a carne dos javalis abatidos tinha vários fins, uma parte substancial ficava para os pobres dos batedores fornecerem as respectivas famílias de carne fresca. Se muita era a carne alguma era direccionada para o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Marvão. As raposas pelo valor das suas peles eram disputadas entre todos, mas havia que as esfolar, mas antes de todo este cerimonial era necessário voltar à aldeia e exibir publicamente os feitos destes notáveis homens armados. Lá voltava o largo de Santo António a ser palco de exposição dos animais abatidos. Os que tinham máquina fotográfica e dinheiro para os rolos, faziam-se fotografar junto dos seus troféus, geralmente empunhando as respectivas armas. Heroicizados e felizes regressavam a casa cansados e com mais histórias para contar. Para a família dos batedores, geralmente composta pelas gentes com menos recursos das redondezas, era dia, ou semana de festa. A fome nestes dias não se fazia sentir. Quando será a próxima batida? Pagam bem e ainda nos dão a carne para trazermos para casa, diziam, esquecendo o perigo porque passaram avançando, ainda sem o Sol despontar, na direcção dos caçadores de armas carregadas e dedo indicador nervoso.

Mas havia outra possibilidade de fazer uns tostões com as peles dos coelhos e sobretudo das raposas, mas isso era para quem sabia da arte. De tempos, em tempos, ouvia-se o pregão pelas ruas de Santo António: Há peles? Há peles? E lentamente o comprador de peles avançava pela aldeia, com dois sacos às costas, uma para as peles, outra para as peças de cobre que pudesse comprar. Estes cobres, por norma, reduziam-se às cabeças dos candeeiros ou dos fogareiros a petróleo já gastinhos, que eram irrecuperáveis, e que o comprador de peles também dava por eles uns tostões. Em épocas de pobreza todas as migalhas são aproveitadas. Muitas vezes nem era necessário ouvir pregão: Há peles? O cheiro que se emanava nos ares à passagem do comprador de peles era suficiente para se saber quem lá vinha.



Nos tempos que correm as batidas são substancialmente diferentes das que se faziam nos inícios e meados do século XX. Hoje tudo é pago a peso de ouro. Os animais são criados e alimentados em clausura ou em reservas e soltos no dia da caçada. Os caçadores organizam-se em associações onde pagam para fazerem parte do grupo. Para participar numa dessas caçadas organiza-se a inscrição e as portas, quando não são sorteadas, são leiloadas valendo, obviamente mais aquelas, que à partida, garantem maiores resultados de caça. Hoje a caça em função de toda a legislação que a regula só é acessível aos mais ricos. Dizem os que desta matéria se consideram entendidos que assim há uma maior defesa do ambiente e maior controlo das espécies. Mas o que é verdade é que quem no campo anda com frequência passa tempos e tempos sem avistar um coelho, lebre ou perdiz. Pelo contrário, nas áreas envolventes das zonas urbanas os javalis entram nos quintais, passeiam pelas ruas, derrubam caixotes do lixo e na zona de banhos, arredores de Setúbal, fazem companhia aos banhistas em busca de alguma comida que por ali encontrem. O povo deixou de caçar, nem com arma de fogo nem com pau, agora a caça é um negócio que movimenta muito dinheiro. Com a legislação altamente controladora das armas os velhos "trabucos" que de geração em geração faziam o deleite de quem as oferecia ao filho, ou neto, hoje têm

que ser entregues na Polícia de Segurança Pública para serem destruídas perdendo-se, assim, por vezes, um património centenário, religiosamente guardado de geração em geração, tudo em nome dum País mais seguro e desarmado.

Mas a caça, denominada de maior, nesta zona do concelho de Marvão não se resumia ao javali e à raposa. O lobo só foi extinto nesta zona há relativamente pouco tempo. Nos inícios da década de sessenta do século XX ainda vi vários lobos abatidos durante uma batida nesta região e a documentação fotográfica confirma como nos inícios do século XX era vulgar a caça aos lobos. Vários documentos fotográficos assim o comprovam.



Resultado de uma batida aos lobos – Largo de Santo António das Areias (anos 40' sec. XX)

Guarda-se na Câmara de Marvão um interessantíssimo documento onde se registam os indivíduos com licença de uso e porte de arma nos anos de 1926 e 27. Constata-se que, só cerca de quarenta pessoas tinham as armas legais em todo o concelho, quando sabemos que o número de caçadores era substancialmente superior. Era comum até há alguns anos encontrar gente à caça sem qualquer tipo de licença, nem de caça, nem de uso e porte de arma. Esta realidade acontecia sobretudo entre os que viviam mais longe das localidades, em casas isoladas no campo. A arma era um elemento de defesa da casa e dos animais de criação e uma forma de obtenção de proteína animal para casa. Eram geralmente os famosos "trabucos". Ainda conheci quem carregasse essas armas, maioritariamente de "atacar pela boca", com fragmentos de pregos e de arame de fardo porque não havia dinheiro para o chumbo. A caçadeira que já tinha sido herdada de várias gerações fazia parte normal das alfaias destas famílias. Porquê ter que tirar licença para ter um ferro aparafusado a um pau?